

OTTO MARIA CARPEAUX E A LITERATURA

Por Franklin Jorge



Carpeaux, polígrafo e leitor exemplar, inscreve-se na história da cultura brasileira e universal, como o autor de um ensaísmo polimorfo que estabeleceu entre nós um incontestado padrão de qualidade.

Ler seus escritos constituía o primeiro dever do aspirante ao ofício das letras ou, mesmo, por exigência de formação de leitor que quisesse manter-se bem informado. Carpeaux era Carpeaux e isto já valia por uma afirmação de inteligência e autossuficiência intelectual. Eu o lia, nos últimos anos, sobretudo em “Reflexo e realidade”, a coletânea arranjada por Sebastião Uchôa Leite para a editora Fontana, edição que

me acompanhou por muitos anos, até ser roubada; creio que estava cheia de anotações. Foi nessa antologia que absorvi e saboreei o melhor, em resumo, de Carpeaux. Resultaria na leitura sistemática de Carpeaux em sua pluralidade magnética.

Antes, durante anos, havia lido outras produções do autor de “A cinza do Purgatório” e “Livros na mesa”, autor dotado de um estilo pessoal direto, contudo denso, segundo Álvaro Lins em artigo publicado no Correio da Manhã [Rio, 19 de abril de 1941], sob o título “Um novo companheiro”, apresentando o próprio Otto Maria Carpeaux ao Brasil, uma data memorável desde então para a literatura. Austríaco, fugindo do nazismo veio para o Brasil e aqui chegou em 1939. Tornou-se o que era, um homem de letras, um grande leitor que nos proporcionou a todos uma crítica cosmopolita que veio se juntar aos nossos melhores valores; uma crítica plural, profunda e abrangente, fazendo-se lida e admirada por aqueles que o puderam ler em jornal e livros, como eu o redescobriria em velhos recortes amalhados por minha avó e, por último, essa portentosa edição em dois volumes, até o momento, organizada pelo professor Olavo de Carvalho, autor, também, da introdução “Um exame de consciência”, 1999.

Carpeaux denominou uma época do jornalismo cultural. Deve ter servido de modelo para o Paulo Francis, porém, ao contrário de Francis, paramentado de uma cultura mais sólida. Um notável ensaísta que engrandeceu o gênero. Seu ensaio sobre Teresa de Ávila – que já não seria uma santa moderna quando Carpeaux escreveu algumas páginas que ficaram bem em seu hagiológico, o hagiológico de uma santa nascida num mundo descrito em seu “Libro de

fundaciones”.

Afirma Carpeaux que a história literária de Santa Teresa não está escrita. E informa-nos que devemos procurar os seus traços nos estudos esparsos de Carl Neumann, de Henri Bremond, de Manoel Bartolomé Cossio, de Max Wieser etc. Teresa ainda não foi devidamente descoberta e estudada, ela que na Espanha teve um público escolhido. Era lida pelo rei Felipe II e por Dom João d'Áustria, por Fray Luís de Leon e por Miguel de Cervantes.

Carpeaux disseca e resume sem delongas o carma de Teresa de Ávila, nascida De Cepeda y Ahumada, filha de um Grande de Espanha; de uma Espanha barroca e rude. Lá viveu num mundo aristocrático onde prevalecia a frieza impassível do rei, a astúcia dos ministros, a imbecilidade dos bispos, a grosseria dos generais e a covardia dos burgueses. Um mundo cuja única figura que dominava era a do Grande Inquisidor Quiroga, que El Greco, levado pela intuição e o cálculo, pintou inesquecivelmente.

E, ao escrever sobre as verdades de Lichtenberg, apresenta-nos Carpeaux um filósofo que nos faz rir e refletir; e informa-nos que uma criada desastrada deixou cair o menino, filho de um pastor, nascido perto de Darmestádio, em 1742, e em consequência dessa queda, ficou a criança um anão corcunda para o resto da vida; um anão corcunda que estuda ciências matemáticas e se torna professor da Universidade de Gottingen.

O fascínio que exercia Carpeaux sobre o adolescente inquieto e fatigado que fui, então, ao iniciar-me de maneira ousada na leitura desse grande humanista que nos doou a Áustria. Seus ensaios esclareciam e orientavam. Não podiam faltar-nos. Dele memorizei o primeiro parágrafo de “Vico vivo”, que funda impressão intelectual provocou em mim, leitor suscetível ao encanto dos mestres. Enleia e seduz a magia de suas palavras:

“A estátua do filósofo Giambattista Vico ergue-se na Villa Nazionale, o parque municipal de Nápoles. Perto do mar, a figura de pedra, corroída pelo tempo, olha o panorama de Posilippo, da ilha de Capri, do Vesúvio, ao pé do qual a cidade submergida de Pompéia dorme...”

Fragmento de “História de minhas leituras” [inédito]